



## C A P Í T U L O   3

# A NOÇÃO DE PREÂMBULOS DA FÉ EM TOMÁS DE AQUINO

André Ricardo Randazzo Gomes

**Resumo:** Neste artigo, procurarei estudar a noção de “preâmbulos da fé” (*praeambula fidei*), tal como se encontra nas obras de Tomás de Aquino. Nem sempre essa noção é apresentada com essas palavras exatas. Mas é possível encontrar uma doutrina coerente desde as obras mais juvenis até as obras mais maduras de Tomás de Aquino. Para fazer este estudo, irei me basear nos trabalhos de dois autores: John Wippel e Dennis Brand. E também, seguindo o exemplo desses autores, estudarei a utilidade que Tomás de Aquino atribui às verdades filosóficas na *Summa Contra os Gentios*, onde parece claro que Tomás usa tais preâmbulos da fé. Como resultado, poderemos ver a importância que Tomás de Aquino confere a certos conhecimentos demonstrados pelos filósofos, principalmente por Aristóteles, como, por exemplo, o conhecimento de que Deus existe. Veremos que, para Tomás de Aquino, estes conhecimentos estão pressupostos nos artigos de fé.

**Palavras-chave:** Aristóteles; Existência de Deus; Preâmbulos da fé; Summa Contra os Gentios.

## THE NOTION OF PREAMBLES OF FAITH IN THOMAS AQUINAS

**Abstract:** In this article, I will seek to study the notion of “preambles of faith” (*praeambula fidei*), as it is found in the works of Thomas Aquinas. Not always is this notion presented with these exact words. But it is possible to find a coherent doctrine from the works of youth up to the works of maturity of Thomas Aquinas. In order to do this study, I will base myself on the works of two authors: John Wippel and Dennis Brand. And also, following the example of these authors, I will study the utility that Thomas Aquinas attributes to the philosophical truths in the *Summa Contra Gentiles*, where it seems clear that Thomas uses such preambles of faith. As a result, we will be able to see the importance that Thomas Aquinas confers upon certain knowledge which is demonstrated by the philosophers, principally by Aristotle, such as, for example, the knowledge that God exists. We will see that, for Thomas Aquinas, such knowledge is presupposed in the articles of faith.

**Keywords:** Aristotle; Existence of God; Preambles of faith; Summa Contra Gentiles.

## INTRODUÇÃO

Tomás de Aquino (1225-1274) ficou conhecido, corretamente, como o teólogo que integrou a filosofia de Aristóteles à teologia cristã. Embora ele fosse um teólogo de profissão, tinha um grande respeito pela filosofia, conhecia muito bem as obras de vários filósofos, principalmente as de Aristóteles, e fez uso constante deste autor e de muitos outros nas suas obras de teologia cristã. No entanto, há uma noção curiosa que Tomás emprega uma única vez: a noção de “preâmbulos da fé” (*praeambula fidei*), no *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio*. Na verdade, essa noção aparece sob outras palavras em outras obras de Tomás de Aquino, desde as mais juvenis até as mais maduras. Ela representa certos conhecimentos demonstrativos a respeito de Deus que foram alcançados pelos filósofos e que estão pressupostos nos artigos de fé.

Neste presente artigo, procurarei estudar as passagens em que Tomás se refere aos preâmbulos da fé, mesmo que sob outros nomes. Examinarei todas as passagens essenciais que John Wippel<sup>1</sup> e Dennis Brand<sup>2</sup> expõem em seus trabalhos. Seguindo o exemplo desses dois autores, estudarei também a utilidade que Tomás atribui às verdades filosóficas na *Suma Contra os Gentios*, onde parece claro que Tomás usa tais preâmbulos da fé. Para estudar a noção de preâmbulos da fé, farei a tradução de passagens do *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*, do *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio* e das *Questões Disputadas Sobre a Verdade*, consultando traduções em inglês já existentes<sup>3</sup> e dicionários de latim, pois tais passagens ainda não possuem tradução para o português. Quanto à *Suma de Teologia* e à *Suma Contra os Gentios*, citarei as traduções em português já existentes<sup>4</sup>. Para quase todas as passagens citadas, citarei também o texto em latim<sup>5</sup>. E procurarei apresentar todas as passagens na ordem em que foram escritas por Tomás de Aquino<sup>6</sup>.

Para que se entenda a doutrina dos preâmbulos da fé, é preciso ter uma compreensão ao menos fundamental dos conceitos que Tomás de Aquino, baseado em Aristóteles, tem de conhecimento demonstrativo e fé<sup>7</sup>. Em resumo,

<sup>1</sup> WIPPEL, J. F. Thomas Aquinas on philosophy and the preambles of faith. In: *Metaphysical themes in Thomas Aquinas III*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2021, pp. 73-97.

<sup>2</sup> BRAND, D. J. *Philosophy and the preambula fidei in Saint Thomas Aquinas*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), University of Ottawa, Ottawa, 1977.

<sup>3</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Faith, reason and theology. Questions I-IV of his Commentary on the De Trinitate of Boethius*. Translated with introduction and notes by Armand Maurer. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1987. TOMÁS DE AQUINO. *Truth*. Volume II. Questions X-XX. Translated from the definitive Leonine text by James V. McGlynn, S.J. Chicago: Henry Regnery Company, 1953.

<sup>4</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. Coordenação geral de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2009. TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. Volume I, Livros I e II. Tradução de D. Odílio Moura, O.S.B. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990.

<sup>5</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Corpus Thomisticum. S. Thomae de Aquino. Opera Omnia*, 2019. Disponível em: <https://www.corpusthomisticum.org/iopera.html>. Acesso em 14 mar. 2023.

<sup>6</sup> Para uma lista cronológica dos escritos de Tomás de Aquino, ver: DAVIES, B.; STUMP, E. (ed.). *The Oxford Handbook of Aquinas*. New York: Oxford University Press, 2012, pp. 533-536.

<sup>7</sup> Sobre os conceitos de ciência e fé em Tomás de Aquino, ver: JENKINS, J. *Knowledge and faith in Thomas Aquinas*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

conhecimento demonstrativo é o tipo de conhecimento mais rigoroso que o ser humano pode alcançar pela sua razão natural. Pode ser chamado de “ciência” ou mesmo “conhecimento científico”. As ciências que Tomás conhece são basicamente a física (subdividida em várias partes), a matemática e a metafísica. Existe também uma ciência que ensina o modo de proceder adequado para cada ciência. Tal é a lógica, que ensina o procedimento, que pode ser demonstrativo ou então dialético (provável). A fé pode ser humana ou divina. A fé humana é, por exemplo, aquela crença ou confiança que o aluno tem no professor, quando se inicia nos estudos; o aluno acredita que, quando terminar os estudos, alcançará o mesmo grau de conhecimento científico que o professor tem. A fé divina é a virtude que Deus infunde no ser humano para que creia nas verdades apresentadas na revelação divina. A fé divina, que o ser humano pode ter, não permite que o ser humano tenha uma visão ou um conhecimento científico da essência de Deus. Por isso, Tomás costuma perguntar “se a fé versa sobre coisas vistas ou conhecidas”, e costuma responder que não, mas com algumas distinções.

Tomás tem a visão de que os filósofos, principalmente Aristóteles, conseguiram alcançar uma ciência ou um conhecimento demonstrativo (científico) a respeito de certas coisas de Deus, como a existência de Deus. Na filosofia de Aristóteles, demonstra-se ao menos a existência de um “primeiro motor imóvel”, e Tomás, na *Suma Contra os Gentios* e na *Suma de Teologia*, usa essa mesma linha de raciocínio, além de outras, para demonstrar que Deus existe<sup>8</sup>. Com esses conceitos básicos, podemos começar o estudo. Quando se apresentar um texto de Tomás, iniciarei com a marcação: “[Texto]”, e quando se apresentar o meu respectivo comentário, iniciarei com a marcação: “Comentário”.

## OS TEXTOS QUE MENCIONAM OS PREÂMBULOS DA FÉ

No *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo* (I. 3, d. 24, q. 1, a. 2, qc. 2, co.), pergunta-se se a fé pode versar sobre coisas vistas, e pergunta-se também se a fé pode versar sobre coisas conhecidas. Como parte da resposta, Tomás afirma:

---

<sup>8</sup> Ralph McInerny, em seu livro *Praeambula fidei: Thomism and the God of the philosophers*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2006, coloca em debate várias questões que ele diz estarem relacionadas à doutrina dos preâmbulos da fé. Por exemplo, a respeito das demonstrações filosóficas sobre Deus, que Tomás usa em suas duas Sumas, deve-se dizer que elas pertencem a uma filosofia cristã elaborada por Tomás ou que elas pertencem a uma filosofia aristotélica que é apropriada por Tomás, sendo chamada de aristotélico-tomista? Os preâmbulos da fé, tais como apresentados por Tomás, são independentes da fé? McInerny tem respostas precisas para essas questões. Mas não será possível tratar disso neste artigo. Sobre como Tomás de Aquino usa a física e a metafísica de Aristóteles, ver o livro de Benedict Ashley, filósofo e teólogo da Ordem Dominicana: *The way toward wisdom: An interdisciplinary and intercultural introduction to metaphysics*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2006. Há também um livro que procura expor a concepção que Aristóteles tem sobre os deuses da religião tradicional grega e sobre o deus ou os deuses que ele estuda na filosofia: SEGEV, M. *Aristotle on religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

**[Texto]** A fé se relaciona com algo de dois modos, isto é, por si [essencialmente] ou por acidente [incidentalmente]. O que pertence à fé por si, pertence a ela sempre e em todo lugar; ao passo que o que pertence à fé em razão de um indivíduo ou outro, não pertence a ela por si, mas por acidente. O que excede absolutamente o intelecto humano, e pertence a Deus e nos é divinamente revelado, pertence à fé por si. Porém, o que excede o intelecto de um ou outro, mas não de todo homem, pertence à fé por acidente, e não por si. As coisas que excedem todo intelecto humano não podem ser provadas por demonstração, pois a demonstração se funda no entendimento de princípios, e assim tais coisas não podem ser conhecidas. Entretanto, certas coisas que são anteriores à fé, que não pertencem à fé a não ser por acidente, excedendo o intelecto de um ou outro indivíduo e não do homem em geral, podem ser demonstradas e conhecidas. Isso se dá com a proposição de que Deus existe. Isso é acreditado por aquele cujo intelecto não alcança a demonstração, pois a fé, em si mesma, inclina suficientemente a tudo o que acompanha, ou segue, ou precede a fé.<sup>9</sup>

**Comentário:** a fé, de modo geral, versa sobre coisas que não são vistas como evidentes e nem são conhecidas de acordo com um entendimento filosófico de ciência. Um exemplo de tais coisas é a crença de que Deus é trino e uno (isto é, Pai, Filho e Espírito Santo, sendo um só Deus). Por isso, diz-se que o conteúdo da fé excede o intelecto humano em geral. No entanto, há certas coisas de Deus que podem ser conhecidas segundo o entendimento que a filosofia tem da ciência. Um exemplo de tais coisas é que Deus existe. Isso pode ser provado por demonstração filosófica, e não excede o intelecto de todos os homens. Assim, diz-se que isso é anterior à fé, como algo pressuposto no conteúdo da fé. Quem não prova ou demonstra filosoficamente que Deus existe, pode acreditar nisso pela fé. Aquilo que não pode ser demonstrado a respeito de Deus é dito pertencer “por si” à fé, ao passo que aquilo que pode ser demonstrado a respeito de Deus (como: Deus existe) é dito pertencer “por acidente” à fé.

No mesmo *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo* (l. 3, d. 24, q. 1, a. 3, qc. 1, co.), pergunta-se se é necessário que o homem creia em algo de que não tem ciência nem visão. Como parte da resposta, Tomás afirma:

<sup>9</sup> *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*, l. 3, d. 24, q. 1, a. 2, qc. 2, co.: “Ad secundam quaestionem dicendum, quod fides, ut dictum est, comparatur ad aliquid dupliciter, scilicet per se et per accidens. Et quod per se pertinet ad fidem, pertinet ad eam semper et ubique; ideo quod pertinet ad fidem ratione hujus vel illius, non est fidei per se, sed per accidens. Ergo quod simpliciter humanum intellectum excedit ad Deum pertinens, nobis divinitus revelatum, per se ad fidem pertinet; quod autem excedit intellectum hujus vel illius, et non omnis hominis, non per se sed per accidens ad fidem pertinet. Ea autem quae omnem humanum intellectum excedunt non possunt per demonstrationem probari: quia demonstratio in intellectu principiorum fundatur; et ideo hujusmodi non possunt esse scita, sed quaedam quae sunt praecedentia ad fidem, quorum non est fides nisi per accidens, inquantum scilicet excedunt intellectum illius hominis, et non hominis simpliciter, possunt demonstrari et sciri; sicut hoc quod est Deum esse: quod quidem est creditum quantum ad eum cuius intellectus ad demonstrationem non attingit: quia fides, quantum in se est, ad omnia quae fidem concomitantur vel sequuntur vel praecedunt sufficienter inclinat.”

**[Texto]** Assim como a graça que aperfeiçoa o afeto pressupõe a natureza que ela aperfeiçoa, assim também o conhecimento natural fica sob a fé, e a fé o pressupõe e a razão pode prová-lo, como por exemplo: que Deus existe, e que Deus é um só, incorpóreo, inteligente, e coisas assim. E a fé inclina suficientemente a essas coisas, de modo que aquele que não pode ter argumentos sobre elas, assente a elas pela fé.<sup>10</sup>

**Comentário:** Deus oferece a graça como auxílio ao homem. A graça vem do alto e é recebida na natureza humana. Por isso, diz-se que a graça, quando recebida no homem, pressupõe a natureza humana e não a destrói, mas a aperfeiçoa. Do mesmo modo, a fé, que vem com a graça, pressupõe o conhecimento natural humano e o aperfeiçoa. Esse conhecimento natural é entendido como a capacidade que alguns homens têm de demonstrar certas coisas a respeito de Deus, como por exemplo: que Deus existe, que Deus é um só, que Deus é incorpóreo, que Deus é inteligente, e outras assim. Quem não pode demonstrá-las, pode acreditar nelas pela fé.

No Comentário ao *Tratado da Trindade de Boécio* (q. 2, a. 3, co.), pergunta-se se é permitido usar autoridades e argumentos filosóficos na ciência da fé que versa sobre Deus. Em resposta, Tomás afirma:

**[Texto]** Os dons da graça são adicionados aos dons da natureza de tal modo que não destroem estes últimos, mas os aperfeiçoam; assim também a luz da fé, que nos é infundida gratuitamente, não destrói a luz natural da razão que nos é dada por Deus. Embora a luz natural da mente humana seja insuficiente para manifestar as coisas que são manifestadas pela fé, é impossível que as coisas que Deus nos manifesta pela fé sejam contrárias às coisas que nos são dadas pela natureza. Pois, se não fosse assim, uma das duas seria falsa, e, como ambas nos vêm de Deus, Deus seria o autor da falsidade, e isso é impossível. Como nas coisas imperfeitas se encontra alguma imitação das coisas perfeitas, encontram-se nas coisas conhecidas pela razão natural algumas semelhanças das coisas trazidas pela fé.<sup>11</sup>

**Comentário:** assim como a graça pressupõe a natureza, a fé pressupõe a luz natural da razão. A fé e a razão natural vêm de Deus. Se uma delas for falsa, isso significaria que Deus seria o autor da falsidade, e isso é impossível. Tomás prossegue:

<sup>10</sup> Comentário às *Sentenças de Pedro Lombardo*, l. 3, d. 24, q. 1, a. 3, qc. 1, co.: "Sicut autem est in gratia perficiente affectum quod praesupponit naturam, quia eam perficit; ita et fidei substernitur naturalis cognitio, quam fides praesupponit, et ratio probare potest; sicut Deum esse, et Deum esse unum, incorporeum, intelligentem, et alia hujusmodi: et ad hoc etiam sufficienter fides inclinat, ut qui rationem ad hoc habere non potest, fide ei assentiat."

<sup>11</sup> Comentário ao *Tratado da Trindade de Boécio*, q. 2, a. 3, co. 1: "Responsio. Dicendum quod dona gratiarum hoc modo naturae adduntur quod eam non tollunt, sed magis perficiunt; unde et lumen fidei, quod nobis gratis infunditur, non destruit lumen naturalis rationis divinitus nobis inditum. Et quamvis lumen naturale mentis humanae sit insufficiens ad manifestationem eorum quae manifestantur per fidem, tamen impossible est quod ea, quae per fidem traduntur nobis divinitus, sint contraria his quae sunt per naturam nobis indita. Oportet enim alterum esse falsum; et cum utrumque sit nobis a Deo, Deus nobis esset auctor falsitatis, quod est impossibile. Sed magis cum in imperfectis inveniatur aliqua imitatio perfectorum, in ipsis, quae per naturalem rationem cognoscuntur, sunt quaedam similitudines eorum quae per fidem sunt tradita."

**[Texto]** Assim como a sagrada doutrina se funda na luz da fé, assim também a filosofia se funda na luz natural da razão. Portanto, é impossível que as verdades da filosofia sejam contrárias às verdades da fé, mas são deficientes em relação a estas últimas. Porém, as verdades da filosofia contêm algumas semelhanças e alguns preâmbulos em relação às verdades da fé, assim como a natureza é um preâmbulo à graça. Entretanto, se nos ditos dos filósofos se encontrar algo contrário à fé, isso não é filosofia, mas um abuso da filosofia, originado de uma falha da razão. Portanto, a partir dos princípios da filosofia é possível refutar um erro desse tipo, mostrando que ele é totalmente impossível, ou que ele não é necessário. Pois, assim como as coisas da fé não podem ser provadas demonstrativamente, assim também algumas coisas contrárias a elas não podem ser provadas demonstrativamente como falsas, mas podem ser mostradas como não necessárias.<sup>12</sup>

**Comentário:** as verdades da filosofia contêm algumas semelhanças e alguns preâmbulos em relação às verdades da fé, assim como a natureza é um preâmbulo à graça. Se nos ditos dos filósofos se encontrar algo contrário à fé, isso não é filosofia, mas um abuso da filosofia, originado de uma falha da razão. A própria filosofia pode refutar erros filosóficos, mostrando que são totalmente impossíveis ou não necessários. Tomás continua:

**[Texto]** Assim, na sagrada doutrina podemos usar a filosofia de três modos. Primeiro, para demonstrar as coisas que são preâmbulos da fé e que são necessariamente conhecidas na fé, como as coisas a respeito de Deus que são provadas pela razão natural, como, por exemplo, que Deus existe, que Deus é um só, e outras coisas assim a respeito de Deus ou das criaturas que são provadas na filosofia e são pressupostas pela fé. Segundo, para mostrar por algumas semelhanças as coisas que são de fé, como Agostinho, no livro sobre a Trindade, usa muitas semelhanças tomadas das doutrinas dos filósofos para ilustrar a Trindade. Terceiro, para resistir às coisas que são ditas contra a fé, mostrando que são falsas, ou que não são necessárias.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Comentário ao *Tratado da Trindade de Boécio*, q. 2, a. 3, co. 2: "Sicut autem sacra doctrina fundatur supra lumen fidei, ita philosophia fundatur supra lumen naturale rationis; unde impossibile est quod ea, quae sunt philosophiae, sint contraria his quae sunt fidei, sed deficiunt ab eis. Continent tamen aliquas eorum similitudines et quaedam ad ea praeambula, sicut natura praembula est ad gratiam. Si quid autem in dictis philosophorum inventur contrarium fidei, hoc non est philosophia, sed magis philosophiae abusus ex defectu rationis. Et ideo possibile est ex principio philosophiae huiusmodi errorem refellere vel ostendendo omnino esse impossibile vel ostendendo non esse necessarium. Sicut enim ea quae sunt fidei non possunt demonstrative probari, ita quaedam contraria eis non possunt demonstrative ostendi esse falsa, sed potest ostendi ea non esse necessaria."

<sup>13</sup> Comentário ao *Tratado da Trindade de Boécio*, q. 2, a. 3, co. 3: "Sic ergo in sacra doctrina philosophia possumus tripliciter uti. Primo ad demonstrandum ea quae sunt praembula fidei, quae necesse est in fide scire, ut ea quae naturalibus rationibus de Deo probantur, ut Deum esse, Deum esse unum et alia huiusmodi vel de Deo vel de creaturis in philosophia probata, quae fides supponit. Secundo ad notificandum per alias similitudines ea quae sunt fidei, sicut Augustinus in libro de Trinitate utitur multis similitudinibus ex doctrinis philosophicis sumptis ad manifestandum Trinitatem. Tertio ad resistendum his quae contra fidem dicuntur sive ostendendo ea esse falsa sive ostendendo ea non esse necessaria."

**Comentário:** a filosofia pode ser usada de três modos na sagrada doutrina (teologia sagrada): (1) para demonstrar os préâmbulos da fé, ou seja, as coisas que a filosofia demonstra, como, por exemplo, que Deus existe, que Deus é um só, e outras assim, que são pressupostas no conteúdo da fé; (2) para ilustrar por algumas semelhanças as coisas que são de fé; e (3) para resistir às coisas que são ditas contra a fé, mostrando que são falsas ou não necessárias. Tomás prossegue:

[**Texto**] Entretanto, aqueles que usam a filosofia na sagrada doutrina podem errar de dois modos. De um modo, usando coisas que são contra a fé e que não são filosofia, mas uma corrupção ou um abuso da filosofia, como fez Orígenes. De outro modo, incluindo as coisas de fé sob a medida da filosofia, como se alguém não acreditasse a não ser no que se pudesse estabelecer pela filosofia. Mas, ao contrário, a filosofia deve ser trazida à medida da fé, como diz o Apóstolo (2 Cor. 10:5): "Cativamos todo pensamento e o reduzimos à obediência a Cristo".<sup>14</sup>

**Comentário:** há dois tipos de erros que podem ser cometidos ao se usar a filosofia na sagrada doutrina: de um modo, usando coisas que são contra a fé e que não são filosofia, mas uma corrupção da filosofia; e, de outro modo, fazendo com que a fé seja medida pelos limites da filosofia.

Nas *Questões Disputadas Sobre a Verdade* (q. 14, a. 9, co.), pergunta-se se a fé pode versar sobre coisas conhecidas. Como parte da resposta, Tomás afirma:

[**Texto**] Uma coisa é objeto de crença de dois modos. De um modo, ela o é absolutamente, ou seja, na medida em que excede a capacidade intelectual de todos os homens que existem nesta vida presente, como, por exemplo, a proposição de que Deus é trino e uno, e outras assim. A respeito dessas coisas é impossível que qualquer homem tenha ciência, mas qualquer crente assente a elas em função do testemunho de Deus, a quem estão presentes e por quem são conhecidas. Porém, de outro modo, uma coisa é objeto de crença não absolutamente, mas quanto a algum indivíduo, ou seja, quando não excede a capacidade de todos os homens, mas apenas de alguns, como, por exemplo, as coisas que podem ser conhecidas demonstrativamente a respeito de Deus, como a proposição de que Deus existe, ou de que Deus é um só, ou de que Deus é incorpóreo, e outras assim. E a respeito dessas coisas, nada impede que sejam conhecidas por alguns que tenham demonstrações sobre elas, e sejam acreditadas por outros que não entendam tais demonstrações. Mas é impossível que tais coisas sejam conhecidas e acreditadas pela mesma pessoa.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Comentário ao *Tratado da Trindade* de Boécio, q. 2, a. 3, co. 4: "Tamen utentes philosophia in sacra doctrina possunt dupliciter errare. Uno modo in hoc quod utantur his quae sunt contra fidem, quae non sunt philosophiae, sed corruptio vel abusus eius, sicut Origenes fecit. Alio modo, ut ea quae sunt fidei includantur sub metis philosophiae, ut scilicet si aliquis credere nolit nisi quod per philosophiam haberit potest, cum e converso philosophia sit ad metas fidei redigenda, secundum illud apostoli 2 Cor. 10: in captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi."

<sup>15</sup> *Questões Disputadas Sobre a Verdade*, q. 14, a. 9, co.: "Sciendum tamen, quod aliquid est credibile dupliciter. Uno modo simpliciter, quod scilicet excedit facultatem intellectus omnium hominum in statu viae existentium; sicut Deum esse trinum, et unum et huiusmodi. Et de his impossibile est ab aliquo homine scientiam haberi; sed quilibet fidelis assentit huiusmodi propter testimonium Dei, cui haec sunt praesto

**Comentário:** existem dois tipos de objetos de crença. Um tipo é aquele que excede absolutamente a capacidade intelectual de todos os seres humanos. Um exemplo disso é a crença de que Deus é trino e uno (Pai, Filho e Espírito Santo, em um só Deus). Outro tipo é aquele que só excede a capacidade intelectual de alguns seres humanos, pois o seu conteúdo pode ser demonstrado filosoficamente, como, por exemplo, a proposição de que Deus existe, ou de que Deus é um só, ou de que Deus é incorpóreo, e outras assim. Quem não pode demonstrar essas coisas, pode acreditar nelas pela fé. Mas é impossível que tais coisas sejam conhecidas e acreditadas pela mesma pessoa.

Uma objeção (a 8<sup>a</sup>) a essa tese coloca o seguinte. A proposição de que Deus existe está entre os objetos de fé; porém, ela pode ser conhecida, pois os filósofos a provam por meio de demonstração; logo, pode-se ter fé e ciência a respeito da mesma coisa. Em resposta, Tomás afirma:

[**Texto**] A proposição de que Deus é um só, na medida em que é demonstrada, não é considerada como um artigo de fé, mas como algo pressuposto aos artigos, pois o conhecimento tido por fé pressupõe o conhecimento natural, assim como a graça pressupõe a natureza. Mas a unidade da essência divina, tal como é concebida pelos crentes, ou seja, juntamente com a onipotência e a providência sobre todas as criaturas, e outras coisas assim, que não podem ser provadas, constituem o artigo de fé.<sup>16</sup>

**Comentário:** a proposição de que Deus é um só, se for demonstrada filosoficamente, não é considerada como um artigo de fé, mas como algo pressuposto aos artigos. O conhecimento tido por fé pressupõe o conhecimento natural, assim como a graça pressupõe a natureza.

Outra objeção (a 9<sup>a</sup>) coloca o seguinte. A proposição de que Deus existe é um objeto de fé. Porém, o pensamento de que Deus existe antecede o ato de acreditar em Deus, e acreditamos em Deus porque é agradável a Deus acreditar nisso. Logo, a mesma coisa pode ser conhecida e acreditada. Em resposta, Tomás afirma:

[**Texto**] Alguém pode começar a acreditar naquilo em que ele não acreditava antes, mas que pensava com alguma hesitação. Assim, é possível que, antes de acreditar que Deus existe, alguém cogite que Deus existe, e que seria agradável

et cognita. Aliquid vero est credibile non simpliciter, sed respectu alicuius: quod quidem non excedit facultatem omnium hominum, sed aliquorum tantum; sicut illa quae de Deo demonstrative sciri possunt, ut Deum esse unum aut incorporeum, et huiusmodi. Et de his nihil prohibet quin sint ab aliquibus scita, qui horum habent demonstrationes; et ab aliis credita, qui horum demonstrationes non perceperebunt. Sed impossibile est quod sint ab eodem scita et credita."

<sup>16</sup> *Questões Disputadas Sobre a Verdade*, q. 14, a. 9, ad 8: "Ad octavum dicendum, quod Deum esse unum prout est demonstratum, non ponitur articulus fidei, sed praesuppositum ad articulos: cognitio enim fidei praesupponit cognitionem naturalem, sicut et gratia naturam. Sed unitas divinae essentiae talis qualis ponitur a fidelibus, scilicet cum omnipotentia et omnium providentia, et aliis huiusmodi, quae probari non possunt, articulum constituit."

para Deus tê-lo a acreditar que Ele existe. Assim, alguém pode acreditar que Deus existe, porque tal crença agrada a Deus, embora isso não seja um artigo de fé, mas algo anterior ao artigo, visto que é provado demonstrativamente.<sup>17</sup>

**Comentário:** quem não pode demonstrar que Deus existe, pode acreditar nisso pela fé. Mas a proposição de que Deus existe pode ser demonstrada filosoficamente, e, se for considerada nesse sentido, ela não é um artigo de fé, mas algo anterior ao artigo de fé.

Na *Suma de Teologia* (I, q. 2, a. 2), pergunta-se se é possível demonstrar a existência de Deus. A resposta de Tomás é afirmativa. Entretanto, uma objeção (a 1<sup>a</sup>) coloca o seguinte. A proposição de que Deus existe é um artigo de fé. Mas o que é de fé não pode ser demonstrado, pois a fé versa sobre coisas que não são vistas nem conhecidas. Logo, a proposição de que Deus existe não pode ser demonstrada. Em resposta, Tomás afirma:

[Texto] A existência de Deus e as outras verdades referentes a Deus, acessíveis à razão natural, como diz o Apóstolo, não são artigos de fé, mas preâmbulos dos artigos. A fé pressupõe o conhecimento natural, como a graça pressupõe a natureza, e a perfeição o que é perfectível. No entanto, nada impede que aquilo que, por si, é demonstrável e comprehensível, seja recebido como objeto de fé por aquele que não consegue apreender a demonstração.<sup>18</sup>

**Comentário:** a existência de Deus e outras coisas assim podem ser demonstradas pela razão natural, e por isso não são artigos de fé, mas preâmbulos dos artigos de fé. A fé pressupõe o conhecimento natural, assim como a graça pressupõe a natureza. Quem não pode demonstrar tais coisas, pode acreditar nelas pela fé.

Na mesma *Suma de Teologia* (II-II, q. 1, a. 5), pergunta-se se o objeto da fé pode ser o que se conhece. A resposta de Tomás é negativa. Entretanto, uma objeção (a 3<sup>a</sup>) coloca o seguinte. As coisas que são provadas demonstrativamente são conhecidas. Mas algumas coisas contidas na fé são provadas demonstrativamente pelos filósofos, como a existência de Deus, a unidade de Deus, e outras assim. Logo, as coisas de fé podem ser conhecidas. Em resposta, Tomás afirma:

---

<sup>17</sup> *Questões Disputadas Sobre a Verdade*, q. 14, a. 9, ad 9: "Ad nonum dicendum, quod aliquis potest incipere credere illud quod prius non credebat, sed debilius existimabat; unde possibile est quod aliquis antequam credat Deum esse, existimaverit Deum esse, et hoc esse ei placitum quod creditur eum esse. Et sic aliquis potest credere Deum esse, eo quod sit placitum Deo, quamvis etiam hoc non sit articulus; sed antecedens articulum, quia demonstrative probatur."

<sup>18</sup> *Suma de Teologia*, I, q. 2, a. 2, ad 1: "Ad primum ergo dicendum quod Deum esse, et alia huiusmodi quae per rationem naturalem nota possunt esse de Deo, ut dicitur Rom. I non sunt articuli fidei, sed praemambula ad articulos, sic enim fides praesupponit cognitionem naturalem, sicut gratia naturam, et ut perfectio perfectibile. Nihil tamen prohibet illud quod secundum se demonstrabile est et scibile, ab aliquo accipi ut credibile, qui demonstrationem non capit."

**[Texto]** Há coisas que se devem crer, embora possam ser provadas demonstrativamente, não porque sejam objeto de fé para todos, mas porque constituem um preâmbulo exigido à fé, é necessário que ao menos por meio da fé sejam aceitas pelos que não têm a sua demonstração.<sup>19</sup>

**Comentário:** as coisas que podem ser demonstradas filosoficamente a respeito de Deus são objeto de fé, porém não o são para todos, mas apenas para aqueles que não podem demonstrá-las. Tais coisas constituem um preâmbulo à fé.

E ainda na *Suma de Teologia* (II-II, q. 2, a. 10), pergunta-se se a razão induzida a favor das verdades da fé diminui o mérito da fé. A resposta de Tomás é também negativa. Entretanto, uma objeção (a 2<sup>a</sup>) coloca o seguinte. O que diminui a virtude, diminui o mérito. Mas a razão humana diminui a virtude da fé, e a fé versa sobre coisas não vistas, e quanto mais razões se aduzem para alguma coisa, mais essa coisa é vista. Logo, a razão humana, induzida a favor das verdades da fé, diminui o mérito da fé. Em resposta, Tomás afirma:

**[Texto]** As razões que são induzidas a favor da autoridade da fé não são demonstrações que possam levar o intelecto humano à visão inteligível. E por isso, não deixam de ter por objeto o que não se vê, mas removem os obstáculos à fé, demonstrando que não é impossível o que a fé propõe. Portanto, tais razões não diminuem o mérito da fé, nem a natureza da fé. Mas as razões demonstrativas induzidas a favor das verdades da fé, e que são preâmbulos aos artigos da fé, ainda que diminuam a razão da fé, porque tornam evidente o que é proposto, não diminuem a natureza da caridade pela qual a vontade está pronta a crer, mesmo aquilo que não é evidente. Por isso, o mérito não é diminuído.<sup>20</sup>

**Comentário:** podem-se aduzir razões a favor da autoridade da fé ou então a favor dos preâmbulos dos artigos da fé. As razões do primeiro tipo não diminuem o mérito da fé, pois não tornam evidente o que é de fé. Porém, as razões demonstrativas a favor dos preâmbulos da fé diminuem a razão da fé, mas não diminuem a natureza da vontade de crer.

<sup>19</sup> *Suma de Teologia*, II-II, q. 1, a. 5, ad 3: "Ad tertium dicendum quod ea quae demonstrative probari possunt inter credenda numerantur, non quia de ipsis sit simpliciter fides apud omnes, sed quia praeexiguntur ad ea quae sunt fidei, et oportet ea saltem per fidem praesupponi ab his qui horum demonstrationem non habent."

<sup>20</sup> *Suma de Teologia*, II-II, q. 2, a. 10, ad 2: "Ad secundum dicendum quod rationes quae inducuntur ad auctoritatem fidei non sunt demonstrationes quae in visionem intelligibilem intellectum humanum reducere possunt. Et ideo non desinunt esse non apparentia. Sed removent impedimenta fidei, ostendendo non esse impossibile quod in fide proponitur. Unde per tales rationes non diminuitur meritum fidei nec ratio fidei. Sed rationes demonstrativa inductae ad ea quae sunt fidei, praembula tamen ad articulos, etsi diminuant rationem fidei, quia faciunt esse apparet id quod proponitur; non tamen diminuunt rationem caritatis, per quam voluntas est prompta ad ea credendum etiam si non apparet. Et ideo non diminuitur ratio meriti."

## A UTILIDADE DAS VERDADES FILOSÓFICAS NA SUMA CONTRA OS GENTIOS

Vejamos o que Tomás de Aquino afirma sobre as verdades filosóficas nos nove primeiros capítulos da obra *Suma Contra os Gentios*<sup>21</sup>, capítulos nos quais ele anuncia o que pretende fazer na obra inteira. Parece claro que Tomás se refere à noção de preâmbulos da fé, sobretudo nos capítulos 2, 3, 4 e 9.

No primeiro capítulo, Tomás trata de “qual é o ofício do sábio”, e diz que assumirá tal ofício nesta obra.

No segundo capítulo, Tomás apresenta a sua “intenção nesta obra”. Ele explica que o propósito da obra consiste em manifestar a verdade da fé católica e eliminar os erros contrários a ela. Entretanto, é difícil tratar dos erros de cada um que erra, por dois motivos. Primeiro, porque as palavras deles não são muito bem conhecidas. Os antigos doutores católicos ao menos conheciam bem as doutrinas errôneas, pois eles mesmos já haviam sido gentios ou conviveram com os gentios. Segundo, porque alguns dos que erram, como os maometanos e os pagãos, não aceitam a autoridade das Escrituras, e portanto estas não podem ser usadas para convencê-los. Mas é possível usar o Antigo Testamento para disputar contra os judeus e usar o Novo contra os heréticos. Desse modo, a conclusão é que se deve recorrer à razão natural, com a qual todos são obrigados a concordar. Ao se investigar uma verdade, serão mostrados os erros que ela exclui e como a verdade racional concorda com a fé da religião cristã. Aqui, podemos ver que Tomás mostra sua intenção de usar alguns argumentos contidos nos preâmbulos da fé, que são alcançáveis pela razão natural, para tratar dos erros dos não-cristãos ou dos cristãos heréticos.

No terceiro capítulo, Tomás fala sobre “o modo possível de manifestar a verdade divina”. Ele relata que há duas ordens de verdades que afirmamos de Deus. Algumas verdades excedem toda a capacidade da razão humana, como, por exemplo, que Deus é trino e uno, mas outras verdades a razão pode alcançar, como, por exemplo, que Deus existe, que Deus é uno, e outras assim. Estas verdades foram provadas demonstrativamente pelos filósofos, conduzidos pela luz da razão natural.

O motivo pelo qual algumas verdades excedem totalmente a capacidade da razão humana é a seguinte: o intelecto humano, pela sua capacidade natural, não é capaz, nesta vida presente, de conhecer a essência de Deus. Todo conhecimento intelectual tem origem nos sentidos, que conhecem coisas sensíveis, e as coisas sensíveis não podem transmitir ao intelecto imaterial e limitado o conhecimento da essência divina que é ilimitada. No entanto, partindo das coisas sensíveis, o intelecto pode vir a conhecer a existência de Deus e alguns atributos inteligíveis de

<sup>21</sup> Para um comentário sobre toda a *Suma Contra os Gentios*, ver: DAVIES, B. *Thomas Aquinas's Summa Contra Gentiles: A Guide and Commentary*. New York: Oxford University Press, 2016.

Deus, que são acessíveis à razão natural. Porém, há outros atributos que excedem totalmente a capacidade da razão. Aqui, podemos ver que Tomás pretende usar alguns argumentos contidos nos préâmbulos da fé, na medida em que afirma que a verdade divina pode ser manifestada também de modo natural, isto é, de um modo que é aberto à razão natural.

No quarto capítulo da *Suma Contra os Gentios*, Tomás explica por que “é conveniente que sejam apresentadas como objeto de fé as verdades divinas que a razão natural alcança”. Ele afirma:

[Texto] Neste capítulo, tratar-se-á, em primeiro lugar, das verdades possíveis de serem investigadas pela razão. Assim, não será tido como vão que seja proposto para fé, por inspiração sobrenatural, aquilo que a razão por si mesma é capaz de atingir. Ora, se essas verdades fossem abandonadas à investigação só da razão, três inconvenientes surgiriam. Um primeiro, porque, se assim acontecesse, poucos homens chegariam ao conhecimento de Deus. Muitos estariam impedidos de descobrir a verdade, que é fruto de assídua investigação, por três motivos. Alguns, devido à própria constituição natural defeituosa que os indispõe para o conhecimento; estes tais por nenhum esforço poderiam alcançar o grau supremo do conhecimento humano, que consiste no conhecimento de Deus. Outros, devido aos cuidados necessários para o sustento da família. Convém, sem dúvida, que dentre os homens alguns se entreguem ao cuidado das coisas temporais. Estes, porém, não podem dispensar o tempo necessário para o lazer exigido pela investigação contemplativa para alcançar o máximo desta investigação, que consiste justamente no conhecimento de Deus. Outros, por fim, são impedidos pela preguiça. Ora, para o conhecimento das verdades divinas investigáveis pela razão há necessidade de muitos conhecimentos prévios. Como o trabalho especulativo de toda a filosofia dirige-se para o conhecimento de Deus, a metafísica - que tem por objeto as verdades divinas - deve ser a última parte da filosofia a ser conhecida. Sendo assim, não se pode chegar - senão com grande esforço especulativo - à investigação das verdades supramencionadas. No entanto, poucos desejam dar-se a este trabalho por amor à ciência, apesar de ter Deus inserido na mente humana o desejo natural de conhecer aquelas verdades.<sup>22</sup>

**Comentário:** algumas verdades sobre Deus podem ser alcançadas pela razão natural. No entanto, essas mesmas verdades também são apresentadas como objeto de fé. Se não fossem apresentadas como objeto de fé, ocorreriam três inconvenientes. O primeiro inconveniente é que poucas pessoas chegariam ao conhecimento de Deus, pois algumas pessoas, devido a uma constituição natural defeituosa, são indispostas ao estudo. Outras pessoas, devido aos cuidados necessários para o sustento da família, não teriam o tempo ou o lazer requerido para o estudo. E ainda outras, devido à preguiça, não iriam se dedicar ao estudo das várias ciências filosóficas que culminam na metafísica. Tomás prossegue:

<sup>22</sup> *Suma Contra os Gentios*, I, c. 4, 2-3.

**[Texto]** O segundo inconveniente decorre de que aqueles que chegam a descobrir as verdades divinas não o conseguem senão após diuturna investigação. Tal acontece devido às profundezas das mesmas, pois somente um longo trabalho torna o intelecto apto a compreendê-las por via da razão natural. Tal acontece também porque muitos conhecimentos prévios são exigidos, como dissemos acima. Finalmente, porque no período da juventude, quando a alma é agitada por impulsos de tantas paixões, o homem não está maduro para tão elevado conhecimento da verdade. Por isso é dito: *É na quietude que o homem se torna prudente e sábio* (VII *Física* 3). Por isso, o gênero humano permaneceria nas maiores trevas de ignorância se apenas a via da razão lhe fosse aberta para o conhecimento de Deus, visto que poucos homens, e somente após longo tempo, chegariam a este conhecimento, que os faz ao máximo perfeitos e bons.<sup>23</sup>

**Comentário:** o segundo inconveniente é que poucas pessoas chegariam ao conhecimento de Deus, porque esse conhecimento exige um período muito longo e intenso de estudo, e requer certa maturidade. Tomás continua:

**[Texto]** O terceiro inconveniente consiste em que a falsidade fortemente se introduz na investigação da verdade feita pela razão, devido à debilidade do nosso intelecto para julgar, e à intromissão das ilusões da fantasia. Muitos, com efeito, por não perceberem a força da demonstração, põem em dúvida as verdades demonstradas com firme clareza. Aliás, isto acontece principalmente quando aparecem muitos, que se dizem sábios, ensinando teses opostas. Ademais, entre as verdades que vão sendo demonstradas, algumas vezes se imiscui algo de falso que não pode ser demonstrado, mas que é afirmado com argumentação provável ou sofística, tida porém por clara demonstração.<sup>24</sup>

**Comentário:** e o terceiro inconveniente é que a falsidade pode se introduzir facilmente na investigação feita pela razão natural, devido à debilidade do nosso intelecto para julgar e à intromissão das ilusões da fantasia. Por isso, foi conveniente que a firme certeza e a pura verdade sobre as coisas divinas nos fossem apresentadas pela via da fé, mesmo quanto às verdades que a razão pode por si mesma investigar<sup>25</sup>. Aqui, podemos ver que Tomás esclarece que os argumentos contidos nos preâmbulos da fé, quando são conhecidos dentro do contexto da vida cristã, não padecem de inconvenientes que ocorreriam se fossem conhecidos fora deste contexto.

<sup>23</sup> *Suma Contra os Gentios*, I, c. 4, 4.

<sup>24</sup> *Suma Contra os Gentios*, I, c. 4, 5.

<sup>25</sup> Em outras obras, Tomás se refere a cinco inconvenientes, cuja lista ele diz encontrar numa obra de Moisés Maimônides. Ver: *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*, I, 3, d. 24, q. 1, a. 3, qc. 1, co.; *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio*, q. 3, a. 1, co.; *Questões Disputadas Sobre a Verdade*, q. 14, a. 10, co. Na *Suma Contra os Gentios* e na *Suma de Teologia*, Tomás se refere a apenas três inconvenientes. Ver: *Suma de Teologia*, I, q. 1, a. 1; e II-II, q. 2, a. 4.

No quinto capítulo, Tomás explica por que “é conveniente que sejam apresentadas como objeto de fé as verdades divinas que são inacessíveis à investigação da razão”.

No sexto capítulo, Tomás expõe que “não é leviano assentir às verdades da fé, apesar de elas estarem acima da razão”.

No sétimo capítulo, Tomás esclarece que “a verdade da razão natural não é contrária à verdade da fé cristã”. Não se pode cogitar que sejam falsos os princípios dos quais a razão humana é naturalmente dotada. E nem se pode pensar ser falso o conteúdo da fé, visto que com tanta evidência recebeu a confirmação divina. Portanto, como só o falso se opõe ao verdadeiro, é impossível que a verdade da fé cristã seja contrária aos princípios conhecidos naturalmente pela razão.

Ademais, na ciência do mestre está contido o que ele infunde na alma do discípulo. Mas o conhecimento dos princípios naturalmente conhecidos é infundido em nós por Deus, que é o autor da natureza, e tais princípios estão contidos na sabedoria divina. Logo, como o ensino realizado por Deus não é fictício, o conhecimento natural humano não é contrário às verdades recebidas pela revelação divina.

Ademais, o nosso intelecto fica impedido de conhecer quando está diante de razões contrárias e, então, não pode proceder para alcançar a verdade. Mas, se razões contrárias fossem infundidas por Deus em nós, o nosso intelecto ficaria impedido de conhecer a verdade. Portanto, tal efeito não cabe a Deus.

Por fim, o que é natural não pode mudar, se a natureza permanece. Entretanto, opiniões contrárias sobre uma só coisa não podem subsistir no mesmo sujeito. Logo, nenhuma opinião ou crença contrária ao conhecimento natural é infundida por Deus no homem. Portanto, desses raciocínios se conclui que quaisquer argumentos que possam ser apresentados contra as doutrinas ensinadas pela fé não procedem corretamente dos primeiros princípios evidentes e vindos da própria natureza, pois não possuem força demonstrativa e não passam de razões prováveis ou sofísticas. Assim, podem ser resolvidos.

No oitavo capítulo da *Suma Contra os Gentios*, Tomás fala sobre “como a razão humana se relaciona com a verdade da fé”. O conhecimento racional tem origem nas coisas sensíveis, e estas conservam em si algum vestígio da semelhança divina, mas este é tão imperfeito que é insuficiente para nos esclarecer sobre a substância de Deus. As semelhanças que a razão humana, nesta vida presente, recebe da verdade da fé não são suficientes para que esta verdade seja compreendida de maneira demonstrativa ou conhecida em si mesma. No entanto, é útil para a mente humana exercitar-se no conhecimento dessas razões, desde que não se pretenda compreendê-las ou demonstrá-las.

E no nono capítulo, Tomás expõe “a ordem e o modo de proceder nesta obra”. Ele explica que a intenção é mostrar as duas ordens de verdades a respeito das coisas divinas, assim como eliminar os erros contrários a elas. Uma verdade pode ser investigada pela razão natural, ao passo que a outra excede todos os esforços da razão. Em Deus, porém, a verdade é una e simples.

Na manifestação da primeira ordem de verdades, deve-se proceder por razões demonstrativas, pelas quais o adversário possa ser convencido. Como, porém, tais razões não podem ser usadas para a segunda ordem de verdades, não se deve pretender que o adversário seja convencido por razões demonstrativas, mas que as suas razões contra a verdade sejam resolvidas, visto que a razão natural não pode ser contrária à fé.

O único modo de se convencer o adversário da segunda ordem de verdades consiste no recurso à autoridade das Escrituras, confirmada pelos milagres. Não cremos em verdades que excedem a capacidade da razão humana, a não ser que tenham sido reveladas por Deus. Mas para que as verdades da fé sejam esclarecidas, devem ser apresentadas algumas razões verossímeis, que sirvam para auxílio e exercício dos fiéis, não para convencer os adversários. A própria insuficiência dessas razões os confirmaria ainda mais em seus erros, ao julgarem que nós assentimos à verdade da fé com razões tão fracas.

Em primeiro lugar, Tomás se esforçará para esclarecer aquela ordem de verdade que é professada pela fé e investigável pela razão, apresentando argumentos demonstrativos e prováveis, alguns dos quais são buscados nos livros dos filósofos e dos santos, e pelos quais a verdade seja confirmada e o adversário, superado (isso será feito nos livros 1, 2 e 3). Em segundo lugar, partindo das coisas mais claras para as menos claras, Tomás procurará manifestar a verdade da fé que excede a razão, desfazendo as razões dos adversários e declarando a verdade da fé, mediante razões prováveis e de autoridade, na medida em que Deus o auxilie (isso será feito no livro 4).

Na parte cujo propósito é buscar pela via da razão as coisas relativas a Deus que podem ser investigadas racionalmente, deve-se considerar em primeiro lugar as coisas que convêm a Deus em si mesmo (no livro 1); em seguida, a processão das criaturas enquanto vindas de Deus (no livro 2); em terceiro lugar, a ordenação das criaturas para Deus, enquanto nele têm seu fim (no livro 3).

Entre as coisas que devem ser consideradas sobre Deus em si mesmo, deve ter precedência, como fundamento necessário de toda esta obra, a consideração da demonstração de que Deus existe. Se isto não for feito, toda a consideração sobre as coisas divinas será suprimida. Aqui, podemos ver que Tomás anuncia que, nos três primeiros livros da *Suma Contra os Gentios*, usará alguns argumentos contidos nos preâmbulos da fé, pois em tais livros ele manifestará a verdade que pode ser investigada pela razão natural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de Tomás de Aquino que mencionam os preâmbulos da fé contêm as seguintes teses essenciais:

1<sup>a)</sup>) Aquilo que excede o intelecto humano em geral e não pode ser demonstrado a respeito de Deus é dito pertencer “por si” (essencialmente) à fé, ao passo que aquilo que não excede o intelecto de todas as pessoas, mas apenas de algumas, e pode ser demonstrado a respeito de Deus (como: Deus existe) é dito pertencer “por acidente” (incidentalmente) à fé, como algo anterior à fé.

2<sup>a)</sup>) Assim como a graça pressupõe a natureza, assim também a fé pressupõe o conhecimento natural, que consiste, por exemplo, na demonstração de que Deus existe, de que Deus é um só, de que Deus é incorpóreo, de que Deus é inteligente, e outras coisas assim.

3<sup>a)</sup>) As verdades da filosofia contêm algumas semelhanças e alguns preâmbulos em relação às verdades da fé, assim como a natureza é um preâmbulo à graça. A filosofia pode ser usada na teologia sagrada para demonstrar as coisas que são preâmbulos da fé e que são necessariamente conhecidas na fé, como as coisas a respeito de Deus que são provadas pela razão natural, como, por exemplo, que Deus existe, que Deus é um só, e outras coisas assim a respeito de Deus ou das criaturas que são provadas na filosofia e são pressupostas pela fé.

4<sup>a)</sup>) É impossível que uma mesma pessoa conheça os preâmbulos da fé por demonstração e acredite neles pela fé. Os preâmbulos da fé, se forem conhecidos por demonstração, não são artigos de fé, mas algo pressuposto e anterior aos artigos de fé.

5<sup>a)</sup>) Quem não pode conhecer por demonstração os preâmbulos da fé, pode acreditar neles pela fé.

John Wippel e Dennis Brand, em seus trabalhos citados, explicam que os preâmbulos da fé são preâmbulos aos artigos de fé, e não ao ato de fé. Tal anterioridade é apenas lógica, e não cronológica. Ninguém deve primeiro demonstrar que Deus existe, para só depois passar a acreditar que Deus é trino e uno. O que acontece simplesmente é que, por exemplo, o artigo de fé segundo o qual Deus é trino e uno inclui logicamente a proposição (demonstrável pela filosofia) de que Deus existe.

Na *Suma Contra os Gentios*, podem-se encontrar as seguintes afirmações essenciais sobre a utilidade que as verdades filosóficas têm nesta obra. O propósito da obra consiste em manifestar a verdade da fé católica e eliminar os erros contrários a ela. Entretanto, é difícil tratar dos erros de cada um que erra, por dois motivos.

Primeiro, porque as palavras deles não são muito bem conhecidas. Segundo, porque alguns dos que erram, como os maometanos e os pagãos, não aceitam a autoridade das Escrituras, e portanto estas não podem ser usadas para convencê-los. Por isso, a conclusão é que deve-se recorrer à razão natural, com a qual todos são obrigados a concordar. Ao se investigar uma verdade, serão mostrados os erros que ela exclui e como a verdade racional concorda com a fé da religião cristã.

Há dois tipos de verdades que afirmamos de Deus. Algumas verdades excedem toda a capacidade da razão humana, como, por exemplo, que Deus é trino e uno. Mas outras verdades a razão pode alcançar, como, por exemplo, que Deus existe, que Deus é uno, e outras assim. Estas verdades foram provadas demonstrativamente pelos filósofos, conduzidos pela luz da razão natural.

Em primeiro lugar, Tomás se esforçará para esclarecer aquelas verdades que são professadas pela fé e investigáveis pela razão, apresentando argumentos demonstrativos e prováveis, alguns dos quais são buscados nos livros dos filósofos e dos santos, e pelos quais a verdade será confirmada, e o adversário, superado (isso será feito nos livros 1, 2 e 3). Em segundo lugar, partindo das coisas mais claras para as menos claras, Tomás procurará manifestar as verdades da fé que excedem a razão, desfazendo as razões dos adversários e declarando a verdade da fé, mediante razões prováveis e de autoridade, na medida em que Deus o auxilie (isso será feito no livro 4).

O fundamento necessário da *Suma Contra os Gentios* é a demonstração de que Deus existe.

Posso lembrar que, na *Suma de Teologia* (I, q. 2, a. 3), Tomás de Aquino apresenta cinco vias pelas quais a existência de Deus é demonstrada. John Wippel estuda essas cinco vias em seu grande livro sobre o pensamento metafísico de Tomás de Aquino<sup>26</sup>. Ademais, em seu trabalho sobre os preâmbulos da fé, John Wippel sugere que, entre os preâmbulos da fé que são demonstrados, Tomás inclui ao menos os seguintes: (1) que Deus existe, (2) que Deus é um só, (3) que Deus é simples, (4) que Deus é perfeito, (5) que Deus é bom, (6) que Deus é infinito, (7) que Deus é incorpóreo, (8) que Deus é inteligente e tudo o que se segue disso, (9) que Deus tem vontade, (10) que Deus é onipotente, (11) que tudo o que não é Deus depende dele para a sua existência, (12) que Deus é um princípio criador, e (13) que a alma humana é imortal, e essa lista não é completa.

Tomás também argumenta que, se os preâmbulos da fé permanecessem apenas como demonstrações filosóficas e não estivessem contidos nas verdades da fé e não pudessem ser conhecidos por meio da fé, ocorreriam três inconvenientes. O primeiro inconveniente é que poucas pessoas chegariam ao conhecimento de Deus, pois algumas pessoas são naturalmente indispostas ao estudo. Outras não teriam o

<sup>26</sup> Ver o capítulo 12 de WIPPEL, J. F. *The metaphysical thought of Thomas Aquinas: From finite being to uncreated being*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2000.

tempo ou o lazer requerido para o estudo. E, por fim, outras, devido à preguiça, não iriam se dedicar ao estudo das várias ciências filosóficas que culminam na metafísica. O segundo inconveniente é que poucas pessoas chegariam ao conhecimento de Deus, porque esse conhecimento exige um período muito longo e intenso de estudo, e requer certa maturidade. E o terceiro, e último, inconveniente é que a falsidade pode se introduzir facilmente na investigação feita pela razão natural, devido à debilidade do nosso intelecto para julgar e à intromissão das ilusões da fantasia.

Por fim, eu gostaria de acrescentar que, segundo John Wippel, o entendimento da criação divina das coisas também pode ser considerado um preâmbulo da fé, pois foi alcançado por alguns filósofos. Em um trabalho sobre esse assunto, Wippel conclui o seguinte<sup>27</sup>. Fica claro que Tomás pensa que a criação, tomada estritamente como a produção de algo a partir de nenhum sujeito preexistente e como algo distinto da criação com um começo temporal, pode ser demonstrada pela razão natural, e portanto que ela deve ser considerada como mais um preâmbulo da fé. Também parece claro, a partir deste estudo das várias referências que Tomás faz às visões de Platão, Aristóteles e Avicena, que, ao menos em alguns textos, Tomás sustentou que alguns filósofos chegaram a um conhecimento sobre Deus como causa universal do ser e também a um conhecimento da criação. Isso é mais uma confirmação da visão de Tomás segundo a qual a realidade da criação pode ser demonstrada filosoficamente. Às vezes, Tomás distingue claramente entre a sua prova de que todas as coisas que não são Deus dependem de Deus para a sua existência e a sua prova de que Deus cria todas as coisas que não são idênticas a ele (ver, por exemplo, *Suma Contra os Gentios*, II, capítulos 15 e 16). Portanto, pode-se dizer que ele considera as duas provas como preâmbulos da fé. Há mais um aspecto da compreensão que Tomás tem da criação. É a defesa que ele faz da liberdade que Deus tem para criar ou não criar. Pode-se concluir que Tomás sustenta que a liberdade que Deus tem para criar ou não criar é uma verdade que pode ser demonstrada filosoficamente e, portanto, que ela também é um preâmbulo da fé que se segue de outro preâmbulo, a saber, a presença da vontade em Deus.

Assim, Wippel cita o trabalho anterior feito por Mark Johnson e parece confirmar a conclusão dele, que é a seguinte<sup>28</sup>. Será que Tomás atribui uma doutrina da criação a Aristóteles? Admitimos que não temos uma resposta totalmente literal, mas, se examinarmos o conteúdo das palavras que Tomás fornece, parece indisputável que ele atribuiu, sim, uma doutrina da criação a Aristóteles. Ele nunca incluiu Aristóteles entre aqueles que postularam a existência incriada da matéria. Ele afirmou que, para Aristóteles, o ser das coisas depende de Deus, mas elas existem eternamente. É por isso que ele se refere constantemente a um texto da *Metafísica*, que ensina

<sup>27</sup> Ver a conclusão de: WIPPEL, John F. Aquinas on creation and preambles of faith. In: *Metaphysical themes in Thomas Aquinas III*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2021, pp. 142-173.

<sup>28</sup> Ver a conclusão de: JOHNSON, Mark F. Did St. Thomas attribute a doctrine of creation to Aristotle? *The New Scholasticism*, v. 63, n. 2, 1989, pp. 129-155.

que, a respeito de algumas coisas que sempre são, ou sempre são verdadeiras, há uma causa de seu ser ou de ser verdadeiras. Isso dá a Tomás a chave para desvendar o problema dos corpos celestes, pois, se Aristóteles disse que eles sempre são, isso significa que eles sempre são causados. Tomás era ciente de que a sua leitura de Aristóteles era nova. Enquanto alguns pensaram que o Deus de Aristóteles era um motor à maneira de um fim apenas, para Tomás o Deus de Aristóteles é o criador dos corpos celestes. Enquanto alguns pensaram que o Deus de Aristóteles era apenas um motor, Tomás o vê como a causa do movimento e do ser, produzindo as coisas no ser. Por toda a sua carreira, Tomás afirmou que o Deus de Aristóteles é aquele do qual o ser de todos depende, e nunca mudou essa opinião. Pode-se discutir se Tomás estava certo ao atribuir uma doutrina da criação a Aristóteles, mas parece indiscutível que ele a atribuiu.

## REFERÊNCIAS

- ASHLEY, Benedict. *The way toward wisdom: An interdisciplinary and intercultural introduction to metaphysics*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2006.
- BRAND, Dennis J. *Philosophy and the preambula fidei in Saint Thomas Aquinas*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), University of Ottawa, Ottawa, 1977.
- DAVIES, Brian. *Thomas Aquinas's Summa Contra Gentiles: A Guide and Commentary*. New York: Oxford University Press, 2016.
- DAVIES, Brian.; STUMP, Eleonore. (ed.). *The Oxford Handbook of Aquinas*. New York: Oxford University Press, 2012.
- JENKINS, John. *Knowledge and faith in Thomas Aquinas*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- JOHNSON, Mark F. Did St. Thomas attribute a doctrine of creation to Aristotle? *The New Scholasticism*, v. 63, n. 2, 1989, pp. 129-155.
- MCINERNY, Ralph. *Praeambula fidei: Thomism and the God of the philosophers*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2006.
- SEGEV, Mor. *Aristotle on religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- TOMÁS DE AQUINO. *Corpus Thomisticum. S. Thomae de Aquino. Opera Omnia*, 2019. Disponível em: <https://www.corpusthomisticum.org/iopera.html>. Acesso em 14 mar. 2023.

TOMÁS DE AQUINO. *Faith, reason and theology. Questions I-IV of his Commentary on the De Trinitate of Boethius*. Translated with introduction and notes by Armand Maurer. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1987.

TOMÁS DE AQUINO. *The Summa Theologiae of St. Thomas Aquinas*. Second and revised edition, 1920. Literally translated by Fathers of the English Dominican Province. Disponível em: <https://www.newadvent.org/summa/>. Acesso em 14 mar. 2023.

TOMÁS DE AQUINO. *Summa Contra Gentiles*. Book One: God. Translated by Anton C. Pegis. New York: Hanover House, 1955.

TOMÁS DE AQUINO. *Summa Contra os Gentios*. Volume I, Livros I e II. Tradução de D. Odilão Moura, O.S.B. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. Coordenação geral de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

TOMÁS DE AQUINO. *Truth*. Volume II. Questions X-XX. Translated from the definitive Leonine text by James V. McGlynn, S.J. Chicago: Henry Regnery Company, 1953.

WIPPEL, John F. Aquinas on creation and preambles of faith. In: *Metaphysical themes in Thomas Aquinas III*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2021, pp. 142-173.

WIPPEL, John F. *The metaphysical thought of Thomas Aquinas: From finite being to uncreated being*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2000.

WIPPEL, John F. Thomas Aquinas on philosophy and the preambles of faith. In: *Metaphysical themes in Thomas Aquinas III*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2021, pp. 73-97.